

## **Posição de Lacan acerca do capítulo IV do livro sobre o chiste, de Freud**

### **Lacan's position on chapter IV of the book on the *Witz*, by Freud**

Sergio Augusto Franco Fernandes

Doutor em Filosofia (Unicamp); professor adjunto do CAHL/UFRB; membro do GT Filosofia e Psicanálise (Anpof); membro do Colégio de Psicanálise da Bahia

E-mail: sergioaffernandes@gmail.com

**Resumo:** Lacan vai dizer, sem muito argumentar, que Freud chegara mesmo a repudiar o termo “*nonsense*”, termo este que nos é apresentado pelo próprio Freud como o que mais amplamente caracteriza o chiste, em especial, o *Gedankenwitz*. Verificaremos de que maneira Lacan vai lidar com essa questão. O que ficará de fora, na abordagem lacaniana, de acordo com nossas suspeitas, é a função do prazer tal como Freud a sustenta, a saber, do ponto de vista “econômico”. Lacan, por sua vez, não deixa de ressaltar a importância da questão do prazer no chiste, prazer este tido por ele como autêntico, ou seja, o prazer próprio do uso do significante. Em outras palavras, Lacan faz do chiste um significante. O que se pretende esclarecer, com efeito, é a diferença de perspectivas em relação à função do prazer no chiste.

**Palavras-chave:** Freud, Lacan, chiste, *nonsense*, outro, prazer.

**Abstract:** Lacan will say, without much argument, that Freud had even repudiate the *nonsense* word, a term that has been presented by Freud as the most widely characterized the *Witz*, especially *Gedankenwitz*. We will check how Lacan will deal with this issue. What will be left out in the Lacanian approach, according to our suspicions, it is the function of pleasure as Freud maintains, namely in terms of “economic”. Lacan, in turn, does not fail to emphasize the importance of the issue of pleasure in the *Witz*, he had this pleasure to be authentic, the pleasure of using their own significant. In other words, Lacan makes a *Witz* one significant. What is intended to clarify, in fact, is the difference in perspectives on the role of pleasure in the *Witz*.

**Keywords:** Freud, Lacan, *Witz*, *nonsense*, other, pleasure.

Quando lemos, com certa acuidade, o *Seminário 5* de Jacques Lacan, mais especificamente a primeira parte, intitulada “As estruturas freudianas do espírito” (Lacan, 1998/1998b, pp. 11-145), suspeitamos que haja toda uma estratégia esboçada para que seja reduzida a importância que Sigmund Freud atribuiu à função do prazer no chiste. Lacan, em vez de ressaltar essa questão, enfatizou a técnica do significante, tida, por ele, como fenômeno central do chiste. Para Freud, o que é considerado como técnica não passa de um meio para se obter prazer; seu procedimento consistiria em salvaguardar o uso dos métodos de produção de prazer, contra as objeções da crítica, que acabariam por determinar um fim ao prazer. De acordo com o autor vienense, no que diz respeito ao chiste, a técnica e o propósito deste seriam, no fundo, as suas duas fontes de prazer:

Podemos agora partir de um assegurado conhecimento das fontes do prazer peculiar que os chistes nos proporcionam. Estamos cientes de que podemos ser enganados ao confundir nossa fruição do conteúdo intelectual que é afirmado com o prazer próprio aos chistes; mas sabemos que o próprio prazer tem no fundo duas fontes – a técnica e os propósitos dos chistes. (Freud, 1905/1996, p. 113)

Na verdade, o que aí interessa para Freud é o modo pelo qual o prazer vai proceder de tais fontes, ou seja, o que interessa, para Freud, é o complexo mecanismo do efeito de prazer. Tentaremos, então, com base no que fora exposto, entender o motivo mediante o qual Lacan, com a habilidade que lhe é peculiar, contorna tudo isso para situar, no centro, a técnica do significante.

Partindo do pressuposto lacaniano de que em Freud já estaria presente toda uma construção significativa, ou melhor, todo um aspecto linguístico – que, naquela época (de Freud), encontrava-se ainda “descuidado” –, é constatada, em Freud, a presença de um outro aspecto, o econômico, mas isto não é novidade. Esse outro aspecto é que permite ao sujeito produtor de um chiste, além da economia do gasto psíquico, um ganho de prazer. De acordo com essas considerações, ficam-nos evidentes, portanto, as duas importantes dimensões do chiste: uma, a linguística, enfatizada por Lacan, dizendo respeito à produção significativa, e a outra, a econômica, enfatizada por Freud, associada à produção de prazer. Mas disso já sabemos.

Examinaremos, então, o procedimento de Lacan em relação à questão do prazer, levando em conta sua posição acerca do capítulo IV do livro sobre o chiste, de Freud

(“El chiste y su relación con lo inconsciente – 1905”). Nossas observações dizem respeito, mais especificamente, a uma análise do capítulo V, da primeira parte do *Seminário 5*, denominada, como dissemos mais acima, “As estruturas freudianas do espírito”.

Jacques-Alain Miller se diz surpreso com a astúcia lacaniana, assegurando que, mesmo sendo novidade o que Lacan nos aporta no referido seminário, “[...] para aguentar o sujeito da frente que está em seu auditório, tem que dizer: ‘tudo isto está em Freud’” (Miller, 1998/1999, pp. 24-25). Miller concorda com Lacan quando este diz que em Freud já se encontrava toda uma construção significativa, lembrando também que em Freud, além do aspecto linguístico ressaltado por Lacan, há, ainda, a ideia de um aspecto econômico presente no chiste. É desse ponto de vista que Freud vai considerar a tirada espirituosa. Lembremos, novamente, o que ele nos diz:

O alívio da despesa psíquica já existente e a economia na despesa psíquica que se há de requerer: eis, pois, os dois princípios a que se reconduzem toda técnica do chiste e, portanto, todo prazer derivado de tais técnicas. (Freud, 1905/1996, p. 123)

Lacan, contrariamente, põe no centro a técnica do significante. Ele vai dizer:

Tomem cuidado com isto, porém: o itinerário de Freud é frequentemente sinuoso. Embora ele se refira a temas reconhecidos por diversas razões, psicológicas e outras, a maneira como se serve deles introduz a uma temática implícita, que é tão ou até mais importante do que os temas que lhe servem de referência explícita e que ele tem em comum com seus leitores. Sua maneira de se servir deles evidencia, com efeito – e realmente é preciso não ter aberto o texto para não perceber isso –, uma dimensão que nunca tinha sido sugerida antes dele. Essa dimensão é, precisamente, a do significante. Destacaremos seu papel. (Lacan, 1998/1999, p. 88)

Tentando esclarecer o que Lacan quis dizer ao referir-se a esse “itinerário sinuoso”, Miller (1998/1999, p. 26), sem localizar a fonte, refere-se a uma citação de Lacan, em que este nos adverte para que tenhamos cuidado, porque, frequentemente, Freud dá a impressão de dizer algo quando, na realidade, diz outra coisa. O que Miller quer dizer é que, muitas vezes, Freud parece que diz o que diz, quando, na realidade, quem diz é Lacan. Este seria, com efeito, o sentido de seu “itinerário sinuoso”. Nessa perspectiva, Lacan acaba sugerindo que Freud, ao dizer algo, objetiva fins muito

distintos do que poderia parecer. Vamos tentar compreender. Lacan vai buscar a origem do prazer no chiste com base em seu aspecto formal, diferentemente de Freud, que vai dizer que a verdadeira fonte do prazer proporcionado pelo chiste reside na brincadeira infantil. Para Lacan, o prazer que extraímos do chiste estaria centrado não num período lúdico da atividade infantil, e sim num outro lugar. Questiona, então, a referência freudiana:

Será que se trataria, pura e simplesmente, de um retorno a um exercício do significante como tal, num período anterior ao controle, ao passo que a razão obrigaria o sujeito, progressivamente, por força da educação e de todas as aprendizagens da realidade, a introduzir o controle e a crítica no uso do significante? Será nessa diferença, portanto, que reside a mola mestra do prazer do chiste? Se nisso se resumisse o que Freud nos oferece, a coisa decerto pareceria muito simples, mas está longe de ser assim. (Lacan, 1998/1999, p. 88-89)

É a partir desse ponto que se pode perceber claramente a oposição entre a referência freudiana ao desenvolvimento e a referência estrutural utilizada por Lacan. De acordo com Miller, as teses de Freud, nesse momento, não conviriam a Lacan. No momento em que Lacan diz que é essencial “acompanhar o movimento da manobra” (Lacan, 1998/1999, p. 88), Miller vai afirmar que o que Lacan quer dizer é que “[...] é preciso deixar as teses um pouco suspensas para entender aonde tudo isso nos leva” (Miller, 1998/1999, p. 26).

## **1. A referência freudiana e a referência estrutural**

Conforme Lacan, Freud, além de nos dizer onde se encontra a origem do prazer, nos mostra, também, as vias pelas quais passa esse prazer, ressaltando, então, as duas faces do chiste, e dizendo que o próprio Freud exprimiu-se dessa maneira. Vai dizer ainda que, se, por um lado, existe o exercício do significante que carrega consigo a possibilidade de ambiguidade fundamental, por outro lado, temos o inconsciente, evocado pelo exercício do significante à altura dos sonhos, dos atos falhos e dos sintomas. Para estes, Lacan procurou fornecer uma formulação mais rigorosa, utilizando as figuras da metáfora e da metonímia: “Essas formas são equivalentes para qualquer exercício da linguagem e também quanto ao que encontraremos de estruturante no

inconsciente” (Lacan, 1998/1999, p. 89). Lacan está, todavia, se referindo às diversas técnicas de chiste apresentadas por Freud, dizendo que estas seriam as formas mais gerais das quais a condensação, o deslocamento e os outros mecanismos destacados por ele, na estrutura do inconsciente, não passariam de aplicações. Lacan, com efeito, tenta, cada vez mais, nos aproximar dessa relação entre o inconsciente e a estrutura da fala:

Essa medida comum entre o inconsciente e a estrutura da fala, enquanto comandada pelas leis do significante, é precisamente aquilo de que nos tentamos aproximar cada vez mais. E que tentamos tornar exemplar através de nosso recurso à obra de Freud sobre a tirada espirituosa. (Lacan, 1998/1999, p. 89-90)

Recorrendo à obra de Freud, Lacan estaria deseioso de enfatizar o que ele chama de “autonomia das leis do significante”, para dizer que tais leis seriam primárias em relação ao mecanismo da criação do sentido. Na verdade, ele estaria procurando um meio para que pudéssemos compreender o que quer dizer o termo “sentido”. Refere-se, nesse momento, à fórmula muito utilizada por Freud no capítulo IV do livro sobre o chiste, qual seja, “o sentido no *nonsense*”. Diz Lacan que essa fórmula vai destacar duas faces aparentes do prazer: uma seria a do impacto que o chiste causa primeiramente pelo *nonsense*, envolvendo-nos para depois recompensar-nos pelo surgimento, nesse próprio *nonsense*, de algum sentido “secreto”, sempre difícil de ser definido; a outra, numa perspectiva diferente, seria a da passagem do sentido, passagem esta que seria aberta pelo *nonsense*, que, no momento mesmo em que se manifestasse, nos transtornaria e nos deixaria perplexos. Seria essa, contudo, a segunda face “aparente” do prazer que Lacan vai enfatizar, considerando-a mais próxima do mecanismo do prazer exposto por Freud.

Tomemos o tema do prazer como ponto de partida para situar-nos diante das questões que envolvem o *nonsense*. Observando as relações entre o chiste e o inconsciente, comparando sempre a técnica do chiste com a técnica do significante, será imprescindível questionarmos o porquê de Lacan ter dito que, na realidade, Freud chegara mesmo a repudiar o termo *nonsense*: “De fato, se olharmos as coisas mais de perto, perceberemos que Freud chega a repudiar o termo *nonsense*” (Lacan, 1998/1999, p. 90). Lacan vai dizer que as fórmulas de Freud teriam a seu favor o poder da aparência e da sedução psicológica, mas que apenas isso não seria suficiente para maiores esclarecimentos. Vamos tentar entender.

Sabemos que Freud parte de um recurso à criança para explicar a psicogênese do chiste. Freud começa pelo bebê, apoiando-se em tudo que do chiste possa pertencer aos ruídos com a boca. Freud, após ter examinado os estágios preliminares dos chistes, vai dizer que é sensato supor que, antes do chiste, “num estágio anterior”, exista algo que possa ser descrito como “jogo” ou como “gracejo”. O jogo, no entanto, vai aparecer com as crianças, que se encontrariam ainda numa fase em que estariam a aprender a utilizar as palavras e a reuni-las, provavelmente obedecendo a uma das pulsões que as compelem a exercitar suas habilidades. Tais crianças deparariam, portanto, com efeitos dos mais gratificantes, incluindo o prazer fruído na repetição,<sup>1</sup> que somente poderiam ser explicados, de acordo com Freud, como “insuspeitadas” economias na despesa psíquica.

Esses efeitos gratificantes é que acabariam por encorajar as crianças a prosseguir no jogo, continuando-o, sem atentar para o fato de que as palavras poderiam vir a fazer sentido ou, mesmo, se haveria nexos entre as sentenças: “Um jogo com palavras e pensamentos, motivado por certos efeitos de economia prazerosos, seria, pois, o primeiro dos estágios prévios do chiste” (Freud, 1905/1996, p. 123). Tal jogo chegaria ao fim após o fortalecimento, no indivíduo, de sua capacidade crítica, passando este, então, a rejeitá-lo como sem sentido ou efetivamente absurdo.

Já o segundo estágio dos chistes teria como função o prolongamento do prazer resultante do jogo, ao mesmo tempo em que silenciaria as objeções da crítica, crítica esta que impediria o surgimento de um sentimento gratificante. Para Freud, deve haver um sentido, tanto para as combinações de palavras consideradas sem sentido quanto para as absurdas reuniões de pensamento. Para isso, na elaboração do chiste, toda criatividade deve ser convocada. Diz Freud:

O que diferencia um gracejo de um chiste é que o sentido da oração que escapou à crítica não necessita ser válido, novo ou meramente bom; só é preciso que se possa dizer, por mais que seja insólito, supérfluo ou inútil dizê-lo. Nos gracejos, o que se situa em primeiro plano é a satisfação de tornar possível o que a crítica proíbe. (Freud, 1905/1996, p. 124)

---

<sup>1</sup> O prazer fruído pelas crianças na repetição é assunto ao qual Freud recorre muito depois, na discussão de sua hipótese concernente à compulsão à repetição, em *Além do princípio de prazer* (1920).

Lacan, ao contrário, propõe que não partamos de um recurso à criança, mesmo sabendo que ela pode extrair prazer de seus jogos verbais. Miller chama nossa atenção para o fato de que, se o recurso à criança fosse tomado como ponto de partida, teríamos, então, um vínculo muito mais direto entre o significante e o gozo, isto é, teríamos uma relação muito mais direta, mais precisamente no ruído provocado pela boca da criança. Numa perspectiva freudiana, onde estaria, então, o prazer? Conforme Miller, o prazer estaria na simples fruição da homofonia, das repetições sonoras, dado que o simples fato de que o som se repete já se mostra bastante agradável. Constata Miller, aí, uma novidade que Lacan apenas antecipa, visto que essa questão somente seria abordada num momento posterior de seu ensino:

Então, temos algo do originário que é justamente o que Lacan procura situar e estruturar em seu último ensino, apesar de, nesse momento, contornar e desvalorizar essa dimensão. Isso o conduz à elaboração, em seu lugar, de uma satisfação própria da tirada espirituosa, que não tem nada a ver com esse curto-circuito do significante e do gozo, uma satisfação que de fato está muito próxima do reconhecimento dado pelo Outro. (Miller, 1998/1999, p. 27)

De acordo com Miller, Lacan buscará elaborar uma satisfação à altura do significante, própria da relação do sujeito com o Outro como lugar do significante. Conforme o raciocínio milleriano, nada nos impede de pensar que Lacan, ao ter “posto de lado” a criança freudiana, acabou pondo, em seu lugar, a ideia de uma satisfação interna à ordem significante, que ele vai denominar “satisfação peculiar do chiste”. Vejamos o que Lacan diz:

O chiste, com a satisfação que dele resulta e que lhe é peculiar, foi aquilo em torno do qual, no último trimestre, procurei organizar este esquema. Tratava-se de identificar como conceber a origem da satisfação que ele traz. (Lacan, 1998/1999, p. 154)

Questiona Miller qual seria, afinal, a satisfação peculiar do chiste. De acordo com Lacan, essa satisfação produzir-se-ia no momento exato em que a intenção do sujeito se realizasse na mensagem, concomitantemente à constituição da cadeia significante. Diz Miller (1998/1999, p. 27) que, num certo sentido, o que Lacan chama

de satisfação do chiste seria a simultaneidade entre a efetivação da intenção do sujeito numa mensagem e o alcance de um certo ponto, que acolheria a formação significativa.

Caso a intenção e a mensagem fossem sobrepostos, poderia ocorrer a satisfação, que, do ponto de vista de Miller, nada teria a ver com a satisfação lúdica da psicogênese freudiana, visto que seria uma satisfação bastante elaborada, a qual, de modo geral, acabaria por não se produzir, haja vista que o sistema significativo encontra-se regulado pela insatisfação. O que Miller estaria querendo dizer com isso? Que o que Lacan chama de desejo seria, na realidade, a linguagem e sua permanente insatisfação, isto é, a defasagem da satisfação de toda demanda, em que nunca se consegue o que é solicitado – o que Miller vai designar como o desejo por excelência. Vamos verificar o que esse autor tem a dizer:

A psicogênese freudiana está arraigada definitivamente no gozo, mas Lacan constrói seu grafo arraigando-o na insatisfação, e, de fato, chama-o de “grafo do desejo”,<sup>2</sup> e não de grafo do gozo. É o grafo do desejo como defasagem permanente entre a mensagem e o Outro de toda expressão verbal. Em geral, não há satisfação, mas insatisfação, embora às vezes se produza, apesar de tudo, o milagre da satisfação. Ocorre no momento do próprio fracasso no dizer, quando, na própria mensagem, sempre insuficiente, sempre de lado, o Outro chega a entender aquilo que está mais além. Quer dizer, quando consegue entender justamente o fracasso em dizer. De certa maneira, a única felicidade está na interpretação, quando o Outro interpreta o fracasso no dizer, o lapso, o deslize, o limite e, no fundo, entende o que está mais-além, no horizonte. (Miller, 1998/1999, p. 28)

Do ponto de vista de Miller, o prazer que Lacan elabora seria algo assaz complexo, seria o *Lust* (prazer) da interpretação que se obtém, o avesso da psicogênese. Seria uma satisfação muito próxima do reconhecimento daquilo que se pretende dizer, mais além do que se consegue. Em outras palavras, seria o reconhecimento do objetivo da fala. Miller refere-se à “manobra” de Lacan como uma manobra executada com as melhores intenções, visto que, no período do seminário em questão, ele já havia consolidado a perspectiva da função da fala e do campo da linguagem. Vai introduzir, também nesse período, o objeto *a*, tomado, então, sob a perspectiva de objeto metonímico no chiste. Para não perdermos o fio da meada, vamos retomar a

---

<sup>2</sup> Ver o grafo do desejo completo, construído para o seminário sobre as formações do inconsciente (Lacan, 1960/1966, p. 817; 1960/1998a, p. 831). No início do referido texto, Lacan ressalta que esse grafo fora elaborado especialmente com base na estrutura do chiste, tomada como ponto de partida, diante de um público “surpreso”.



discordância de Lacan em relação ao recurso à criança, utilizado por Freud. De acordo com Lacan, não devemos nos dar por satisfeitos apenas com o recurso à criança, já que ele não acha certo que o prazer do chiste deva ser explicado exhaustivamente por um recurso ao devaneio. A referência utilizada por Lacan é, obviamente, a estrutural. Discorre Lacan:

Para conseguir dar o nó que une o uso do significante e aquilo que podemos chamar de uma satisfação ou um prazer, voltarei aqui a uma referência que parece elementar. Se recorrermos à criança, mesmo assim será preciso não esquecer que a princípio o significante existe para servir a alguma coisa – existe para exprimir uma demanda. (Lacan, 1998/1999, p. 91)

## **2. A engrenagem da demanda**

É na engrenagem da demanda que Lacan passa a se deter. Vamos, rapidamente, abrir um pequeno parêntese para melhor nos situar. É sabido que Lacan estabeleceu um vínculo entre o desejo, baseado no reconhecimento – que seria o desejo do desejo do outro –, e o desejo inconsciente como realização, no sentido freudiano, acabando por diferenciar, talvez de forma mais clara que Freud, o desejo da necessidade. Foi a partir da ideia hegeliana de reconhecimento que Lacan introduziu, entre os anos de 1953 e 1957, um terceiro termo, que chamou de demanda. A demanda seria algo endereçado a outrem e que, aparentemente, incide sobre um objeto. Este objeto não deve ser considerado essencial, visto que toda demanda deve ser levada em conta como demanda de amor.

Dizendo de outra maneira, Plon e Roudinesco esclarecem que, na terminologia lacaniana, a necessidade, cuja natureza é biológica, dá-se por satisfeita com um objeto real (a comida, por exemplo), e o desejo vai nascer da distância entre a demanda e a necessidade, incidindo sobre uma fantasia, ou seja, sobre um outro imaginário:

Portanto, é desejo do desejo do outro, na medida em que busca ser reconhecido em caráter absoluto por ele, ao preço de uma luta de morte, que Lacan identifica com a famosa dialética hegeliana do senhor e do escravo (Plon & Roudinesco, 1997/1998, p. 147)

Fechemos o parêntese e voltemos ao texto de Lacan.

Questionando, então, o que vem a ser a demanda, ele mesmo responde, dizendo ser ela algo que, a partir da necessidade, passa por meio do significante endereçado ao Outro. Para Lacan, é importante observar que a demanda, por si mesma, é relativa ao Outro, na medida em que o Outro logo se descobre na posição de acusar o sujeito, rechaçando-o, ao mesmo tempo em que, evocando a necessidade, ele o autentica, o admite, ratifica, o traz para perto, já começando a reconhecê-lo, o que, do ponto de vista lacaniano, já seria uma satisfação fundamental. E, para que a demanda se sustente como demanda, deve haver, sempre, uma oposição a ela. Vai dizer que o modo pelo qual o Outro tem acesso à demanda ilustra, a todo momento, a introdução da linguagem na comunicação. Em seguida, diz o seguinte:

Reflitamos bem. O sistema das necessidades entra na dimensão da linguagem para ali ser remodelado, mas também para se despejar no complexo significante ao infinito, e é isso que faz com que a demanda seja, essencialmente, algo que se coloca por natureza como podendo ser exorbitante. (Lacan, 1998/1999, p. 92)

Numa perspectiva lacaniana, o que se deve questionar, aí, é o seguinte: o que, da satisfação de uma necessidade, acontece na demanda? Recorre Lacan aos exemplos de chistes apresentados por Freud, para fazer-nos refletir acerca de suas indagações. Diz-nos que os exemplos de chistes tornam-se significativos por suas particularidades, particularidades estas que acabam por impossibilitar generalizações. Seria pela via dessas particularidades que acabamos por ter a possibilidade de acesso ao núcleo da questão da demanda.

Para Lacan, as histórias relatadas por Freud para demonstrar a produção e o efeito de um chiste mostram-se todas pertinentes, na medida em que nos remetem ao cerne do que é situado como problema, a saber, a relação entre o significante e o desejo: “O desejo é profundamente modificado em sua ênfase, subvertido, tornado ambíguo ele mesmo por sua passagem pelas vias de significante” (Lacan, 1998/1999, p. 93). Dito de outra forma, o que viria a perverter, de maneira profunda, o sistema da demanda e da resposta à demanda seria a permissão de toda satisfação em nome de um registro que faz com que o Outro intervenha para além daquele que demanda. Lacan, então, propõe-se a discorrer sobre o que acontece no tempo de suspensão, que, de alguma forma, por

uma via específica, acaba por defasar a comunicação da demanda daquilo que diz respeito a seu acesso à satisfação.

Em relação ao que acontece nesse tempo de suspensão, Lacan sugere que nos reportemos a algo “tão somente mítico”, que, mesmo sendo mítico, não deixaria de ter um fundo de verdade. Supõe que exista, nem que seja em seu esquema (do já referido grafo do desejo), uma demanda que passa. O que isso, então, quer dizer? Quer dizer que há um desejo que deve passar, deixando, em algum lugar, não apenas vestígios, mas um circuito que insiste. Tenta, assim, exemplificar:

Uma vez que existe infância, podemos muito bem fazer refugiar-se nela a demanda que passa. A criança articula o que nela ainda é apenas uma articulação incerta, mas da qual extrai prazer – aliás, é a isso que Freud se refere. O jovem sujeito dirige sua demanda. De onde parte ela, já que ainda não entrou em jogo? Digamos que se esboça algo que parte desse ponto, que chamaremos de delta, ou D maiúsculo, de Demanda. (Lacan, 1998/1999, p. 94)

Tudo isso vem a descrever, segundo Lacan, a função da necessidade, já que algo se exprime partindo do sujeito e com o qual se poderia traçar a linha da necessidade. Remete-nos, mais uma vez, ao grafo e nos diz que as coisas, aí, vão se desenrolar em dois planos, o da intenção e o do significante, e o do significante vai sempre progredir concomitante ao da intenção. Então, o que se inicia como necessidade passa a chamar-se demanda, na medida em que o significante se fecha sobre o que se consuma, que seria o sentido da demanda, que constitui a mensagem evocada pelo Outro: “A instituição do Outro coexiste assim com a consumação da mensagem. Ambos se determinam ao mesmo tempo, um como mensagem, o outro como Outro” (Lacan, 1998/1999, p. 95).

Para Lacan, o que se deve considerar aí, no que concerne à demanda, não deve ser confundido com a satisfação da necessidade, haja vista que o exercício de qualquer significante vai acabar por transformar a manifestação dessa necessidade. A metáfora, então, aparece diante do fluxo significante, transformando-o, fazendo com que o significado seja algo para além da necessidade. Consequentemente, o que vai entrar na criação do significado não seria uma simples tradução da necessidade, e sim a criação de um outro desejo diferente da necessidade. Seria, portanto, a necessidade mais o significante.

Sendo assim, do lado do significante existiria algo correspondente ao surgimento “miraculoso” da satisfação, no Outro, de uma nova mensagem criada. Diz Lacan: “É isso que normalmente desemboca no que Freud nos apresenta como o prazer do exercício do significante como tal” (Lacan, 1998/1999, p. 96). Isto quer dizer que, no momento da produção de um chiste, o que vai prolongar o efeito do significante como tal seria sua resolução num prazer próprio do uso do significante. Haveria, então, por um lado, o exercício do significante, na origem do jogo verbal, constituindo um prazer original sempre pronto para vir à tona e, por outro, o que acontece em oposição a isso, algo também original, que Lacan vai chamar de “novidade disfarçada”, que acaba por complicar e transformar a necessidade, pondo-a no plano do que, a partir daí, ele passará a chamar de desejo:

O que é o desejo? O desejo é definido por uma defasagem essencial em relação a tudo o que é, pura e simplesmente, da ordem da direção imaginária da necessidade – necessidade que a demanda introduz numa ordem outra, a ordem simbólica, com tudo o que ela pode introduzir aqui de perturbações. (Lacan, 1998/1999, p. 96)

Lacan solicita que nos apoiemos nesse mito primordial, que diz respeito à instauração da demanda, para que não se torne incompreensível tudo o que Freud articulou em relação ao mecanismo do prazer no chiste. Note-se que Lacan vai considerar o prazer do chiste como uma novidade que aparece no significado pela introdução do significante, e, em seu entender, essa novidade é o que vai constituir a dimensão essencial que se encontra em toda manifestação do inconsciente. Diz que tudo isso é acentuado por Freud.

Refere-se também ao fenômeno da “surpresa” como dimensão essencial das formações do inconsciente. Diz-nos que ela também tem algo de originário e que sua dimensão é consubstancial ao que acontece com o desejo, desde que seja um desejo tornado inconsciente. Ressalta Lacan, contudo, que nem todo desejo é suscetível de entrar no inconsciente, só entrando aqueles que, por terem sido simbolizados, conservam-se em sua forma simbólica: “[...] isto é, sob a forma do traço indestrutível cujo exemplo Freud retoma no chiste” (Lacan, 1998/1999, p. 97). Seriam, portanto, desejos que não se desgastariam, sustentados pela estrutura simbólica que os faz manterem-se num certo nível de circulação do significante, situados no circuito entre a mensagem e o Outro. Enfatiza Lacan:

É pela ação da metáfora que se produz o surgimento do novo sentido, já que, tomando emprestados alguns circuitos originais, ela vem incidir no circuito corrente, banal, comumente aceito, da metonímia. Na tirada espirituosa, é às claras que a bola é rebatida entre a mensagem e o Outro, e que produz o efeito original que é o próprio dela. (Lacan, 1998/1999, p. 97)

### **3. O Outro na engrenagem da demanda**

De acordo com Lacan, em todas as histórias de tiradas espirituosas fazem-se presentes pedintes a quem se concedem coisas. Elogia um livro de Mannoni, em que o referido autor nos faz observar, com pertinência, que o mecanismo tido como normal da demanda seria provocar novas demandas. Aos pedintes dos chistes relatados por Freud, por exemplo, ou lhes é concedido o que pedem, ou, após obterem o que pediram, fazem um uso diferente do que se espera, ou, então, comportam-se com um certo atrevimento diante de quem lhes satisfaz a demanda, reproduzindo, na relação entre o pedinte e o que foi solicitado, a dimensão da ingratidão, dimensão sem a qual, segundo Lacan, seria intolerável concordar com qualquer demanda. Chamamos atenção para o fato de que as demandas às quais Lacan está se referindo são aquelas que encontram no ouvinte seu destino.

Seguindo os passos de Mannoni, Lacan vai dizer que, com efeito, quando alguém que demanda acha que o Outro efetivamente acatou uma de suas demandas, de fato, a partir daí não haveria mais limite, passando o pedinte a confiar ao Outro todas as suas necessidades: “Daí os benefícios da ingratidão, que evoquei há pouco, que põe termo ao que não teria como acabar” (Lacan, 1998/1999, p. 98). Complementa Lacan dizendo que “a demanda nada tem de confiante”, pois quem pede normalmente não tem o costume de apresentar sua demanda de forma explícita.

Tomemos, para ilustrar que “a demanda nada tem de confiante”, o exemplo do famoso chiste do “salmão com maionese”, apresentado por Freud. Um indivíduo empobrecido toma algum dinheiro emprestado de um conhecido seu, após explicitar suas circunstâncias. No mesmo dia, quem lhe emprestou o dinheiro encontra-o num restaurante e, então, o repreende:

Como? Você consegue meu dinheiro e logo pede salmão com maionese? Foi para isso que usou o meu dinheiro? “Não o compreendo”, respondeu o objeto desse ataque; “quando não tenho dinheiro, não posso comer salmão com maionese; quando tenho dinheiro, não me é permitido comer salmão com maionese. Então, quando poderia eu comer salmão com maionese?” (Freud, 1905/1996, p. 49)

Do ponto de vista freudiano, seria este um bom exemplo de *Gedankenwitz*<sup>3</sup>, em que uma fachada lógica aparece substituindo a cômica. Vamos, contudo, tentar compreender por que a demanda, de acordo com Lacan, nada tem de confiante. O sujeito que pede, em geral, supõe saber com o que está lidando no espírito do Outro, disfarçando, por conseguinte, sua demanda. Solicita algo que está realmente precisando, em nome de outra coisa que, às vezes, também necessita, mas que ele sabe que em relação à qual não será facilmente atendido, ou seja, a solicitação seria um pretexto para sua demanda. Isto quer dizer que essa demanda começará a elaborar-se a partir do Outro, refletindo-se, num primeiro momento, no que há algum tempo já havia passado para o estado ativo em sua fala, a saber, o Eu. Este, contudo, profere a demanda para fazê-la refletir no Outro, para consumá-la como mensagem por meio de um circuito específico. De acordo com Lacan, este seria o circuito secundário da necessidade, não sendo necessário atribuir muita ênfase à razão, e sim ao controle pelo sistema do Outro: “Digamos que, se é racional levá-los em conta, nem por isso está implícito em sua estrutura que eles sejam efetivamente racionais” (Lacan, 1998/1999, p. 99). Lacan, então, passa a questionar o que vem a acontecer na cadeia significante, a partir dos três tempos esboçados no já referido grafo:

Alguma coisa torna a mobilizar todo o aparelho e todo o material e chega primeiro aqui, a M. Em seguida, isso não passa prontamente para o Outro, mas vem refletir-se aqui, nesse algo que, no segundo tempo, correspondeu ao apelo ao Outro, ou seja, o objeto. Trata-se do objeto aceitável pelo Outro, do objeto do que o Outro quer desejar, em suma, do objeto metonímico. Ao se refletir nesse objeto, isso vem, no terceiro tempo, convergir na mensagem. (Lacan, 1998/1999, p. 99)

---

<sup>3</sup> Vale lembrar que Freud classifica os chistes em duas categorias mais amplas: os *Gedankenwitze* (chistes de pensamento ou conceituais) e os *Wortwitze* (chistes de palavra ou verbais).

Lacan aproveita a oportunidade e sutilmente critica a psicogênese do chiste, “[...] com sua novidade surpreendente e seu prazer, por si só satisfatório” (Lacan, 1998/1999, p. 100). Diz que, de forma contrária, acabamos retidos pelo caráter de ambiguidade que traz a mensagem. Lacan acha notório que, no terceiro tempo do grafo, entre os dois pontos de chegada da flecha, o discurso circule, possibilitando o lapso ou “tropeço da fala”. Para o autor francês, o equívoco e o desconhecimento seriam características fundamentais da linguagem, constituindo, assim, sua dimensão essencial. Nessa perspectiva, o chiste vai, então, constituir-se com base na ambiguidade presente na formação da mensagem. A mensagem, em sua forma ambígua, teria o objetivo de, por um lado, levar à surpresa de uma novidade e, por outro, levar ao prazer do jogo do significante. Mais uma vez, diz que isso está em Freud, mas é ele quem diz isso. Conforme Lacan, vejamos qual seria o objetivo do chiste:

O objetivo do chiste, com efeito, é nos reevocar a dimensão pela qual o desejo, se não reconquista, pelo menos aponta tudo aquilo que perdeu ao percorrer esse caminho, ou seja, por um lado, o que deixou de dejetos no nível da cadeia metonímica e, por outro, o que não realizou plenamente no nível da metáfora. (Lacan, 1998/1999, p. 100)

Lacan põe o Eu de um lado e o objeto metonímico do outro, referindo-se a essas “duas coisas” que já fizeram sua intervenção na psicologia do sujeito, para afirmar que estamos diante do exercício corrente da metáfora, tendo ela êxito ou fracassando diante da ambiguidade da mensagem. Seguindo o raciocínio de Lacan, uma parte do desejo, sob a forma de dejetos do significante no inconsciente, vai continuar a circular, e, no caso do chiste, este vai transmitir o reflexo de uma antiga satisfação, puramente veiculada pelo significante. A realização do chiste, em sua essência, seria a reprodução do prazer primordial da demanda satisfeita, concomitantemente a seu acesso a uma novidade original. Lacan, agora, procura compreender como a tirada espirituosa realiza tudo isso, iniciando com uma questão: “Mas como vem à luz a tirada espirituosa? (Lacan, 1998/1999, p. 101). Constata ele que há, na tirada espirituosa, um apagamento ou uma redução do sentido, e isso não vai ser, necessariamente, um *nonsense*. Vamos, então, abrir um breve parêntese para verificar, do ponto de vista freudiano, o papel do *nonsense* na tirada espirituosa, retomando, em seguida, o *nonsense* na perspectiva lacaniana.

#### 4. O *nonsense*, o chiste e o Outro

Tomemos a fórmula freudiana “sentido no *nonsense*” como ponto de partida para nos situar diante das questões que envolvem o *nonsense* e o chiste. Já vimos que Lacan chegou a dizer que, na realidade, Freud chegara mesmo a repudiar o termo *nonsense*. Disse também que as fórmulas de Freud teriam a seu favor o poder da aparência e da sedução psicológica, e apenas isso não seria suficiente para maiores esclarecimentos. Vamos tentar compreender, buscando, primeiramente em Freud, alguns esclarecimentos.

No texto de Freud sobre o chiste, o “sentido no *nonsense*” nos é apresentado como um dos termos que mais amplamente caracterizam o chiste, mais especificamente os *Gedankenwitze*, que consistem em jogar com o caráter sempre tênue das palavras que sustentam um sentido pleno. Mais precisamente, o fator “sentido-no-não-sentido” vai possuir, numa perspectiva freudiana, uma dimensão especial pelo fato de estar presente em todos os chistes que laboram com jogos de pensamentos e que nos remetem, num primeiro momento, inevitavelmente ao *nonsense*. O jogo com palavras (que, juntamente com o jogo com pensamentos, caracterizam as duas fontes de prazer nos chistes), predominante nos *Wortwitze*, vai produzir essa mesma impressão apenas ocasionalmente, não provocando a crítica aí implicada. Vale lembrar que Freud referiu-se ao jogo com palavras e ao jogo com pensamentos como a dúplice raiz do prazer nos chistes, correspondendo, como se sabe, à importante distinção entre os *Wortwitze* e os *Gedankenwitze*, o que acaba por dificultar o estabelecimento de alguma formulação concisa acerca das afirmações gerais sobre os chistes.

Lembramos que os *Gedankenwitze* caracterizam-se não pela suposta falta de sentido que nos apresentam, mas sim pela possibilidade de atribuir-se sentido a seu aparente *nonsense*. Note-se aí que o *nonsense* atribuído por Freud aos *Gedankenwitze* não passa de uma aparência, de uma fachada lógica que substitui a cômica. Com efeito, são esses os chistes que carregam consigo a peculiaridade de não necessariamente provocar o riso. Vale lembrar que, no caso de um *Gedankenwitz*, o *nonsense* que perdura vai adquirir, secundariamente, a função de aumentar nossa atenção, desconcertando-nos:

[...] serve como recurso de reforço para o efeito do chiste, mas somente quando age obstrutivamente, de modo que o desconcerto possa apressar a nossa compreensão. Que



o *nonsense* no chiste possa ser empregado para fazer figurar um juízo contido no pensamento, eis aí algo que é demonstrado nos exemplos [...]. (Freud, 1905/1996, p. 132)

Tentaremos ser mais claros. O chiste, para Freud, aparece como *nonsense*, particularmente quando se vale dos modos de pensar usuais do inconsciente, proscritos pelo pensamento consciente, ou seja, por meio de sofismas (ou falácias). Um chiste pode, assim, evitar uma objeção da crítica ao ocultar o raciocínio defeituoso que utilizou, disfarçando-o sob uma fachada lógica. O *Gedankenwitz*, graças à sua fachada lógica que substitui a cômica, apresenta não somente o que tem a dizer, como também manifesta algo “proibido” de ser dito, por meio do *nonsense*: “Quem em um momento de descuido deixa desse modo que lhe escape a verdade, na realidade se alegra por livrar-se dessa mentira. Eis, pois, um ‘insight’ psicológico correto e profundo” (Freud, 1905/1996, p. 100).

De acordo com Freud, ninguém se deixa controlar por esse automatismo, que costuma trazer a verdade à tona. No fundo, quem não sentiria satisfação ao poder livrar-se da carga de uma mentira, aproveitando-se da primeira oportunidade, muitas vezes na forma de um chiste? Por conseguinte, esse prazer ao qual Freud faz referência, é chamado, como vimos no primeiro capítulo, de prazer no *nonsense*. Para demonstrá-lo, Freud sugere que pensemos no comportamento de uma criança, mais especificamente na fase de aprendizagem de sua língua, em que, aos poucos, esse prazer no *nonsense* – até então obtido via efeitos gratificantes de ritmo ou de rima das palavras – vai lhe sendo “proibido”, restando, assim, apenas suas combinações significativas. A criança terminaria, por si mesma, desistindo desses jogos de combinação de palavras, ao tomar consciência de que estes se mostram absurdos.

Contrariamente à ideia de Freud, seguindo outra perspectiva, Lacan vai dizer que o *nonsense* apenas abre a passagem do sentido, pois seu papel seria o de nos enganar por um instante, instante este suficiente para que um sentido, até então despercebido, nos atinja por meio da captação do chiste. Este sentido passaria muito depressa, seria um sentido “em lampejo”, fugidio, porém jamais um “não sentido”. Seria justamente aí que entraria o “artifício” lacaniano: quando Freud demonstra que a origem primitiva do prazer refere-se a um período lúdico da atividade infantil, percebe-se, de forma clara, que a referência freudiana ao desenvolvimento opõe-se à referência estrutural utilizada por Lacan.

Na verdade, Lacan vai dizer que não se trata do *nonsense*, e sim do pouco sentido, que seria, para o autor francês, exatamente aquilo que se encontra na maioria dos chistes. Lacan, tomando a perspectiva do sentido, resolve chamar o *nonsense* de *peu-de-sens* (o pouco sentido), dizendo ser o *peu-de-sens* uma chave para compreendermos a significação da cadeia metonímica. Não haveria, em hipótese alguma, todas as vezes que o equívoco é introduzido, uma ação do *nonsense*. Refere-se aos jogos com palavras no pensamento, dizendo que tudo o que aí podemos encontrar vai consistir em jogar com o caráter tênue das palavras, que acabam por sustentar um sentido pleno:

É esse pouco-sentido que, como tal, é retomado, e é por aí que passa alguma coisa que reduz à sua dimensão essa mensagem, na medida em que ela é sucesso e fracasso ao mesmo tempo, sendo sempre a forma necessária de qualquer formulação da demanda. A mensagem vem interrogar o Outro a propósito do pouco-sentido. A dimensão do Outro é essencial nisso. (Lacan, 1998/1999, p. 102)

Questiona Lacan sobre a necessidade do Outro na tirada espirituosa. Para ele, aquilo que se comunica ao Outro vai articular-se fundamentalmente com a dimensão do pouco-sentido. O que Lacan quer, entretanto, dizer com tudo isso é o seguinte:

A tirada espirituosa só se completa para além desse ponto, ou seja, na medida em que o Outro acusa seu recebimento, reage à tirada espirituosa e a autentica como tal. Para que haja tirada espirituosa, é preciso que o Outro perceba o que está ali, nesse veículo da pergunta sobre o pouco-sentido, de demanda de sentido, isto é, da evocação de um sentido mais além – além do que fica inacabado. (Lacan, 1998/1999, p. 103)

O Outro, contudo, não vai autenticar aí o que pode haver de *nonsense*, visto que Lacan não acha que se deva manter o referido termo, que somente teria sentido na perspectiva da razão e da crítica, justamente o que ele evita pôr nesse circuito. Diz Lacan: “Proponho-lhes a forma do *passo-de-sentido* [...]” (Lacan, 1998/1999, p. 103). Esse passo-de-sentido seria, para o autor francês, aquilo que se realiza na metáfora. Tomando um elemento no lugar em que se encontra e, substituindo-o por outra coisa, isso acabaria por introduzir um “para-além da necessidade”, localizado sempre na origem da metáfora.

A tirada espirituosa, então, passaria a indicar a própria dimensão do *passo* propriamente dito, representando o passo em sua forma. Seria o passo esvaziado de qualquer necessidade. O que importa, com efeito, é que a dimensão desse passo-de-sentido venha a ser retomada ou, mais precisamente, autenticada. Do ponto de vista lacaniano seria, assim, a isso que corresponderia um deslocamento. A novidade, nessa perspectiva, somente se produziria no além do objeto, concomitante ao passo-de-sentido e simultaneamente para os dois sujeitos. Se existe o sujeito e existe o Outro, portanto, o sujeito é alguém que fala e comunica ao Outro a novidade do chiste. Discorre Lacan:

É na medida em que o sujeito consegue, com sua tirada espirituosa, surpreender o Outro, que ele colhe o prazer, e este é, justamente, o mesmo prazer primitivo que o sujeito infantil, mítico, arcaico, primordial que lhes evoquei há pouco havia extraído do primeiro uso do significante. (Lacan, 1998/1999, p. 104)

Lacan vai questionar o que haveria de *nonsense* num chiste, haja vista que, se é necessária a presença do Outro para autenticá-lo, esse Outro somente poderia autenticar aquilo que para ele faz algum sentido, mesmo se equivocando. De acordo com Lacan (1998/1999, p. 122), o Outro seria, essencialmente, um lugar simbólico, o lugar das frases e ideias elaboradas, sem as quais a tirada espirituosa não poderia adquirir valor nem alcance. No entanto, o que vai sempre estar em jogo, o que vai realmente interessar a Lacan é a função do Outro, função esta que ele situa entre dois polos, quais sejam, o real e o imaginário. O Outro seria, na realidade, o Outro como lugar do significante, e, desse lugar, se poderia fazer surgir uma direção de sentido, “[...] um passo-de-sentido em que está verdadeiramente, e em última instância, o eixo propulsor” (Lacan, 1998/1999, p. 123). Diz Lacan que o que vai produzir-se entre um sujeito e o Outro, no momento da tirada espirituosa, seria algo como uma comunhão entre o “pouco-sentido” e o “passo-de-sentido”.

## 5. Conclusão

A conclusão de Lacan é que não vai haver prazer da tirada espirituosa sem o outro, esse Outro, referência fundamental, que também vai estar ali como sujeito. É disso que trata Lacan nesse momento de seu ensino, mais especificamente na lição de 4 de dezembro de 1957, de seu seminário sobre *As formações do inconsciente* (Lacan,

1998/1999). Talvez agora fique mais compreensível o que anteriormente foi dito, a saber, que ele contorna habilmente a maneira pela qual Freud tratou a questão do prazer no chiste, ao deslocar a ênfase para a questão do significante. Miller resume tudo isso de uma maneira bastante simples, ao dizer que, na realidade, o que Lacan procurou foi elaborar uma satisfação à altura do significante, pondo, no lugar da criança freudiana, então deixada de lado, uma satisfação interna à ordem significante, chamando-a de “satisfação peculiar do chiste” (Miller, 1998/1999, p. 27).

Sendo assim, fica-nos evidente que a questão lacaniana da satisfação de uma demanda pela via do significante endereçado ao Outro termina por sobrepor-se ao problema “econômico” do prazer e seu complexo mecanismo, problema este que se vinculou diretamente às constantes preocupações de Freud acerca do funcionamento do aparelho psíquico. Observamos, então, que Lacan, ao deparar com um obstáculo epistemológico, em função de ainda não possuir elementos suficientes para elaborar uma teoria que pudesse dar conta dos afetos, foi obrigado a utilizar alguns artifícios para que pudesse contornar a questão econômica do prazer, ressaltando, então, a questão da produção significante.

## **Referências**

Freud, S. (1996). El chiste y su relación con lo inconsciente. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., Vol. 8). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905)

Freud, S. (1996). Más allá del principio de placer. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., Vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920)

Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5, As formações do inconsciente – 1957/1958* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: JZE. (Trabalho original publicado em 1998)

Lacan, J. (1998a). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: JZE. (Trabalho original publicado em 1960)

Lacan, J. (1998b). *Le Séminaire de Jacques Lacan, livre V, Les formations de l'inconscient – 1957/1958*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1998)

Lacan, J. (1966). Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien. In J. Lacan, *Écrits*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1960)

Miller, J.-A. (1999). *Perspectivas do Seminário 5 de Lacan – as formações do inconsciente* (M. J. S. Fuentes, trad.). Rio de Janeiro: JZE. (Trabalho original publicado em 1998)

Plon, M. & Roudinesco, E. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro & L. Magalhães, trads.). Rio de Janeiro: JZE. (Trabalho original publicado em 1997)

Recebido em 24/01/2012.

Aprovado em 30/07/2012.